



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.115-124

“EXPURGO DA CRIAÇÃO”: O FAZER POÉTICO DE MARIA HELENA VARGAS DA SILVEIRA

Eduardo Souza Ponce¹
Maria Carolina de Godoy²

Resumo: A produção literária de Maria Helena Vargas da Silveira apresenta como característica marcante a emancipação da voz do sujeito negro; tanto na prosa quanto na poesia, a autora aborda a importância da tomada de poder sobre o discurso. Em sua literatura, ganham destaque os atos de narrar a própria história e preservação da memória do coletivo. Este trabalho tem como objetivo observar de que maneira a escritora aborda o fazer literário afro-brasileiro em seus poemas. Buscou-se compreender como a “escrevivência”, termo cunhado por Conceição Evaristo para designar o encontro da experiência com a escritura, manifesta-se na escrita da autora gaúcha revelando um novo espaço de representação da identidade negra. Partindo da análise de três poemas, verificou-se de que maneira o fazer poético é abordado em três diferentes momentos: a busca por um sentido nas palavras e no diálogo com o outro, a escrita que brota da dor e a literatura como espaço de resistência.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; Escrevivência; Poesia.

1. Maria Helena Vargas da Silveira e a escrita afro-brasileira

Maria Helena Vargas da Silveira, nascida em Pelotas, no Rio Grande do Sul, apresenta uma produção literária que, embora significativa pela heterogeneidade de formas e temas, encontra-se, ainda, com pouca visibilidade no meio acadêmico, uma das instâncias de legitimação da literatura. A escritora pelotense publicou sua primeira obra, *É fogo!*, em 1987, e desde então lançou obras de ficção e ensaios sobre a importância da lei 10.639/2003, que obriga as instituições de ensino, oficiais ou não, a introduzirem em seus currículos a cultura e a história africana e afro-brasileira, preocupação advinda de sua formação como educadora. A autora surpreende pela pluralidade de sua obra. Maria Helena Vargas da Silveira transitou entre a poesia e a prosa, e, mesmo nessa, sua produção literária apresenta pluralidade de

¹ Mestrando Bolsista Capes do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: duds_ponce89@hotmail.com

² Professora Doutora da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e pesquisadora associada à UFRJ. E-mail: mcdegodoy@uol.com.br



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.115-124

formas: contos, crônicas, ensaios, romance epistolar e novelas compõem a bibliografia da escritora.

Para o presente trabalho, buscar-se-á, por meio da análise de três poemas, observar de que maneira a autora trata da escrita como experiência de uma nova representação da identidade negra. Conceição Evaristo (2007) cunha o termo “escrevivência” para designar a escrita a partir do corpo, o registro escrito que parte de uma experiência do que é ser negro no Brasil. Essa escrita é tanto fruto das vivências do autor e de seu grupo quanto ponto de partida para uma nova forma de construção literária afro-brasileira. Se os discursos hegemônicos, em especial o cânone literário, ora construíram estereótipos, ora apagaram o negro de seus registros, a “escrevivência” é a tomada de voz por meio da escrita, movimento de reação às imposições que objetiva a elaboração de novos modelos de representação da identidade negra. Conceição Evaristo (2007), ao refletir acerca desse modo de escrita, destaca a importância da coletividade, da insubordinação e da performatividade. Por isso, ao analisar os poemas de Maria Helena, buscar-se-á compreender de que maneira esses elementos se manifestam.

2. O fazer poético e a “escrevivência”

Rota Existencial (2007) reúne fragmentos das produções anteriores de Maria Helena Vargas da Silveira, textos originais e depoimentos da autora sobre a sua percepção do fazer literário. Nessa obra, conforme aponta Soares (2007), os poemas da autora ocupam lugar de destaque:

Rota Existencial, da escritora afrodescendente Maria Helena Vargas da Silveira, a Helena do Sul, aborda aspectos implícitos e ou explícitos das relações étnico-raciais no Brasil, a partir de contos breves, crônicas, depoimentos, sátiras e poesias. A generosidade literária da autora transborda no universo da negritude, fazendo deste novo livro um presente inusitado de Literatura Afirmativa. [...] A poesia fecha a Rota Existencial, sem ficar indiferente negritude, aos espaços, aos processos sociais e emocionais em que a vida transita. (SOARES, 2007, p.5-6)

A negritude é colocada em lugar privilegiado nos contos, crônicas e poemas que compõem o livro, assim como perpassa os relatos da autora ao se recordar da produção e publicação de sua literatura; relatos de cunho pessoal que constroem a narrativa de sua



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.115-124

tomada de consciência e emancipação enquanto cidadã e escritora voltada para temas caros à afro-brasilidade.

As análises partem dos poemas escolhidos para compreender o despertar do olhar crítico de um eu-lírico que coloca a experiência de afro-brasilidade em lugar privilegiado em seus versos.

O primeiro poema escolhido, “Palavras”, trata do fazer poético de modo abrangente. Neste poema, a linguagem no ato interacional é eleita o conteúdo em destaque. Se a metalinguagem, conforme aponta Jakobson (2008), é a mensagem voltada para o código, Maria Helena Vargas da Silveira apresenta um poema metalinguístico na medida em que ele se volta para o fazer poético e questiona a potencialidade das palavras. Isso não equivale afirmar que a função poética seja negligenciada ou ignorada, mas aponta para o uso da metalinguagem como modo de operar o fazer poético:

Palavras,
Duplo sentido:
Problema...
Percepção...

Palavras,
Sexto sentido:
Firmeza...
Intuição...

Palavras,
Meias palavras
Ironia...
Falsidade...

Palavras
Soltas, perdidas
Esconderijo,
Inverdade.

Palavras,
Sentido perfeito:
Diálogo,
Compreensão,
Ecos sublimes,
Aproximação. (SUL, 2007, p.229).



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

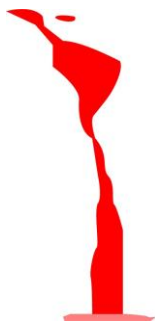
p.115-124

Essa postura metalinguística, tratar do próprio ato da escrita, desnuda o fazer poético enquanto jogo de palavras. Na primeira estrofe, o eu-lírico evoca as palavras para apresentar as problemáticas ao seu redor: o duplo sentido, problema e percepção parecem tratar diretamente do código linguístico, da dificuldade em transmitir uma mensagem. Nas duas primeiras estrofes, repete-se o uso dos dois pontos no final do segundo verso, indicando uma conclusão. O duplo sentido, da primeira estrofe, causa o problema que está intimamente ligado à percepção. Na segunda estrofe, o sexto sentido, do segundo verso, garante a firmeza, do terceiro, e mostra-se fruto da intuição. Nessas duas estrofes há a presença de rimas: o quarto verso da primeira estrofe rima com o quarto verso da segunda. Essa estrutura de rimas se repete entre a terceira e quarta estrofe.

Sobre a estrutura, é possível afirmar que, embora existam rimas e certa similaridade entre as quatro primeiras estrofes, o poema não segue uma métrica linear³. No que diz respeito ao sentido, na terceira e na quarta estrofe, o eu-lírico continua a tratar da escrita, não mais a partir de uma conclusão marcada pelos dois pontos, mas pela enumeração. Na terceira estrofe, as meias palavras são acompanhadas pela ironia e a falsidade, apontando uma gradação. Enquanto na quarta estrofe o eu-lírico parece participar de um jogo de busca de sentido, as palavras soltas e perdidas parecem se esconder, deixando espaço apenas para a inverdade.

Na última estrofe o problema da linguagem é resolvido. O uso dos dois pontos é retomado para a conclusão: o sentido perfeito, ou seja, o trabalho com as palavras quando bem-sucedido resulta no diálogo, aproxima as pessoas como ecos sublimes. Assim como as palavras ecoam ou rimam na elaboração de um poema, as pessoas ecoam umas nas outras a partir do diálogo. Desse modo, o eu-lírico evidencia a importância da coletividade. Uma das características da “escrevivência”, para Conceição Evaristo (2007), é o seu caráter coletivo. A voz dessa experiência parte do individual para abarcar o grupo. Como meio de assegurar a história, a memória e a identidade afro-brasileiras, a “escrevivência” é a escrita da vida que busca no coletivo um de seus pilares. Desse modo, ao colocar o sentido perfeito das palavras no diálogo, no eco sublime, o eu-lírico assume que o seu fazer literário só pode ser considerado pleno quando, por meio de sua voz, ecoa no outro.

³ É possível notar uma regularidade na métrica das quatro estrofes iniciais, mas como a última estrofe não apresenta a mesma regularidade, optou-se por não realizar a metrificacão silábica-acental para a análise do poema.



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.115-124

O poema dialoga com as considerações de Octavio Paz acerca do poético e da constituição do poema. Para o autor, “[...] Cada imagem – ou cada poema feito de imagens – contém muitos significados opostos ou díspares, que ela abrange ou reconcilia sem suprimir” (PAZ, 2012, p.104). O poema de Maria Helena Vargas da Silveira aponta a importância dos significados construídos a partir das palavras. Da mesma maneira que Paz considera que o escritor contempla os múltiplos significados, muitas vezes contraditórios, que se reconciliam no poema, a autora apresenta, em sua poesia, um eu-lírico em busca dessa reconciliação: há tropeços no fazer poético, mas, na conclusão da escrita, é o diálogo e a aproximação que se sobressaem.

No segundo poema escolhido, “A lágrima”, o eu-lírico fala do lugar da escrita que surge como espaço de transformação das adversidades em arte, dando, dessa forma, destaque à “escrevivência” conforme cunhada por Conceição Evaristo (2007) no que diz respeito à força dessa experiência literária na preservação da memória e da história do povo negro. A voz do eu-lírico retoma recordações de lutas e resistência que foram apagadas pelos discursos hegemônicos. Se, conforme afirma o professor Eduardo de Assis Duarte (2011), na literatura afro-brasileira manifesta-se a autoria enquanto instância discursiva, ou seja, a partir de marcas da linguagem a literatura torna presente uma voz autoral negra, em “A lágrima”, Maria Helena Vargas da Silveira apresenta uma voz autoral que transforma a vivência em arte e faz dessa arte espaço de representação.

A lágrima
Mexeu com o olho,
O olho do negro.
Olho não chorou.
A lágrima
Tremeu o olho.
Olho segurou
A lágrima.
Ficou acanhada,
Entrou pra dentro,
Derramou por dentro,
Veias e veias,
Coração,
Ser inteiro do cidadão.
A lágrima
Parou na garganta.
Foi cuspidada com a palavra



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACIGARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.115-124

Num poema de dor,
Dejeto da agonia,
Irreverência,
Expurgo da criação (SUL, 2007, p.233).

O poema é estruturado por versos livres, todos curtos. A preocupação em primeiro plano está na criação de imagens. Os primeiros versos fazem da lágrima símbolo de uma dor vivenciada e reprimida. Retoma a dor carregada pelos escravizados e seus descendentes, o banzo, saudade intensa de uma África utópica da coletividade negra, que causava estados de letargia e até mesmo a morte, de acordo com Ana Maria Galdini Raimundo Oda (2008). A lágrima mexe com o olho, mas o é contida. O eu-lírico evidencia se tratar do olho do negro, evidenciando, dessa forma, uma voz autoral identificada à afro-brasilidade. É a dor de um povo, sentida e silenciada, uma dor que não é exteriorizada e por isso derrama-se para dentro. Choro silencioso, trancado nos limites do corpo, a lágrima que escorre para dentro, e não para fora, é o símbolo de uma angústia que se acumula. Esse sofrimento é vivenciado no corpo: “veias e veias/ coração”. Acumula-se na garganta para ser cuspidas em palavras, “num poema de dor”. Trata-se de uma das faces da “escrevivência”: a escrita que parte das experiências de uma condição que se vive a partir do corpo. Esse poema constrói-se por meio da transformação da dor em arte. Apresenta, por isso, outra face da “escrevivência”: a experiência de escrita enquanto performance. Se essa escrita parte das vivências do corpo, ela também se mostra uma manifestação de uma nova experiência de escrita, de representação da identidade negra. Evaristo (2007) alicerça a “escrevivência” também em seu caráter performativo: ela torna presente aquilo sobre o qual fala. No poema de Maria Helena Vargas da Silveira, os versos que parecem acompanhar a lágrima que corre pelo corpo revelam-se na performance dessa dor que se converte em arte. Ao narrar essa gestação do poema nascido de uma angústia silenciada por muito tempo, o eu-lírico faz do poema espaço de resistência. A lágrima que se derrama para dentro é convertida em arte, em preservação da memória e da história afro-brasileiras.

Se em “Palavras” a autora trata do fazer poético de modo geral e em “A lágrima” o foco recai sobre a produção literária a partir de uma vivência dolorosa que é transformada em arte, em “Sobrevivência” é possível perceber uma retomada dessa escrita atravessada pela vivência e acrescida de subversão. O fazer poético, em “Sobrevivência”, funde a criação de



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.115-124

uma voz autoral negra, como a que se manifesta em “A lágrima”, com o interesse no receptor, como apresentado no primeiro poema, “Palavras”:

Folhas de papel,
Páginas
Molhadas.
Palavras,
Palavras
Impressas,
Dispersas,
Ávidas pela bolinação
Que o negro fazia
Em cada escrito novo,
Com um lápis roxo de revisão
Que escorria a cor,
Tingindo a identidade
Do negro revisor
Das folhas de papel,
Molhadas,
Com as palavras
Impressas,
Na página branca
Do jornal branco
Da cidade (SUL, 2007, p.237).

O poema é constituído de versos irregulares, não seguindo uma metrificação. O foco, assim como em “A lágrima”, é voltado para a criação das imagens, palavras convertendo-se em símbolos. O eu-lírico fala a partir da observação de um jornal. Entre folhas de papel e palavras impressas há os escritos novos do negro. Contrapondo-se à brancura do papel, o eu-lírico destaca o lápis roxo de revisão que escorre cor e tinge a identidade. Nessa imagem, a do papel tingido, os escritos novos que brincam com as palavras aludem a uma escrita afro-brasileira que se insere na brancura do jornal numa atitude de tomada de poder sobre o discurso, revelando-se, desse modo, a insubordinação por meio da escrita. Essas palavras impressas nas páginas brancas de um jornal branco ganham a cidade: a voz autoral afro-brasileira faz-se ouvir. O eu-lírico cria um jogo de cores entre palavras ao reiterar a brancura do jornal. Tinta e papel sintetizam a mensagem do poema: a presença da escrita afro-brasileira que se insere em um meio de comunicação predominantemente branco para jogar com as palavras, trazer um posicionamento diferenciado. Se nos poemas anteriores foram apresentadas a importância da coletividade e da performatividade na construção da



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.115-124

“escrevivência”, em “Sobrevivência” ganha destaque o caráter de insubmissão: a voz do eu-lírico que subverte a brancura do jornal simboliza a insubordinação que se dá pela escrita afro-brasileira, mostrando-se ato de resistência que se dá por meio da palavra. A escrita, então, é diálogo, preservação da memória e da história, dor transformada em arte e resistência.

É possível notar que os três poemas escolhidos apresentem traços da “escrevivência”, e, a partir da discussão sobre o fazer poético se desdobra em vários caminhos: da angústia vivida pelo eu-lírico em busca dos sentidos das palavras, passa pelas especificidades de um fazer poético que se dá por meio do ato criador a partir da dor, e alcança a voz que toma o poder sobre a palavra e subverte a brancura do jornal. Maria Helena Vargas da Silveira faz da poesia tema de seus poemas. A autora não coloca o trabalho estético em segundo plano, a discussão acerca da produção literária afro-brasileira é território fértil para que a sua produção se volte para o debate acerca da escrita, desnudando o interesse da autora pela figura do poeta em exercício por meio das imagens que constrói.

3. Considerações finais

Buscou-se demonstrar, no decorrer do trabalho, a maneira pela qual Maria Helena Vargas da Silveira aborda o fazer literário em seus poemas. Ao analisar diferentes tratamentos dados ao fazer poético enquanto tema, foram demonstradas algumas características recorrentes em seus versos. Se por um lado a angústia do escritor é representada pelo viés da busca pelo sentido, cujo eu-lírico questiona a fragilidade das palavras e relata a dificuldade em estabelecer comunicação; por outro, sobressai-se a relação entre afro-brasilidade e escrita. Nesses casos, a escrita afro-brasileira é tomada por duas perspectivas: em “A lágrima”, a dor como força motriz do fazer literário dialoga com o banzo. Essa dor, essa lágrima que não brota, além de retomar o passado do período de escravidão de maneira não explícita, dialoga com os dramas do presente; em “Sobrevivência”, a dor não é colocada em primeiro plano, nem a incapacidade de encontrar um sentido uno para as palavras, o que está posto em debate pelo eu-lírico é a importância da escrita afro-brasileira como meio de resistência.

Esses poemas dialogam entre si na medida em que se voltam para o fazer literário. Há, de certo modo, uma gradação na postura apresentada: se no primeiro poema é possível perceber uma postura preocupada com a arte enquanto instrumento de aproximação do



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.115-124

coletivo, no segundo, há um despertar para a afro-brasilidade, essa dor que rasga o peito na medida em que remonta o passado e denuncia o presente, para, no terceiro poema, explodir por meio da subversão da palavra. O que se pôde notar, nos versos da escritora, é a importância dada para a escrita enquanto ato emancipatório: uma emancipação que se dá *na e pela* palavra.

No centro da escrita de Maria Helena Vargas da Silveira está a “escrevivência”: escrita a partir da experiência e uma nova experiência de representação da afro-brasilidade por meio da escrita. Não se trata da compreensão do ato de escrever puramente a partir das vivências individuais, a “escrevivência” abrange um ato coletivo, performativo e de insubordinação.

Núñez (1998), ao distinguir o poema da poesia, define esta como uma atitude íntima do indivíduo em relação ao mundo, uma conduta assumida. Ao refletir acerca dos poemas de Maria Helena Vargas da Silveira apresentados neste trabalho, é possível afirmar que a poesia da autora, entendida enquanto uma conduta, encontra-se perpassada por uma necessidade de resistência, insubmissão, performatividade e coletividade.

Referências

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Org.) **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica, v. 4. Belo Horizonte: UFMG, 2011, p. 375-403.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In. ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras**: teóricas, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2008.

NÚÑEZ, Rafael R. Preliminar. In: _____. **La Poesía**. Madrid: Síntesis. 1998. Pp. 11-17.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Escravidão e nostalgia no Brasil: o banzo. **Latinoam**. Psicopat. Fund., São Paulo, v. 11, n. 4, p.735-761, dezembro 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142008000500003>. Acesso em: 19/12/2016.



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS:
DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.115-124

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Trad. Ari Roitman e Paulina Watch. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

SOARES, Diony Maria Oliveira. Literatura afirmativa. In: SUL, Helena do. **Rota Existencial**. Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2007.

SUL, Helena do. **Rota Existencial**. Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2007.